

Beeno mio
Brasil

Antes que seja tarde

José Agostinho Maciel

Coronel-aviador

No início de 1986 o governo Sarney ia mal; muito mal. Estava isolado. Sem respaldo dos políticos, nem da população em geral. Urgia uma providência.

Lançou-se então o chamado Plano Cruzado. Foi um verdadeiro sucesso. Quem não se lembra daquela economia que até chorou na televisão? Salvava-se a economia do Brasil, com um remédio inusitado: decreto-lei.

Mas não era o bastante. Precisava o governo de apoio do povo brasileiro. Tinha que "dar certo". Insufinou-se então o povo contra os produtores de carne, leite, gerentes de supermercados, farmácias, hotéis, restaurantes, enfim, contra os dirigentes das classes empresariais em geral, estigmatizando-os, acusando-os de serem os causadores da desgraça nacional.

Naquela altura, qualquer inteligência mais lúcida que tentasse elevar sua voz, abrindo os olhos dos mais ingênuos, era logo calada pela força descomunal de uma grande parcela da imprensa que, autocensurada ou — quem sabe? — até comprada, se encarregava de iludir o povo com um sonho delirante. Criaram-se os "fiscais do Sarney" para sutilmente exercerem as funções de policiais de uma trágica "polícia-econômica". Era a inflação zerada; fazia-se inveja aos suíços.

Mas atingiram seus objetivos a eleição de 22 governadores e a grande maioria dos constituintes, garantindo praticamente sua permanência no governo até 1990. Ou mais. Mesmo que, para isto, tenham reduzido nossas reservas cambiais em algo como sete bilhões de dólares. Não precisamos ser *experts* em política financeira internacional para imaginar a incômoda situação em que devem ter ficado os negociadores de nossa dívida externa no chamado Clube de Paris, ao serem indagados sobre a razão dessa queda sete vezes bilionária, quando todas as condições eram favoráveis a um aumento, considerando-se que os preços do petróleo no comércio internacional caíram, assim como as taxas de juros de nossos principais bancos credores.

Será que responderam que foi comprando alimentos dos produtores europeus, produtos esses até hoje questionados por nossas autoridades sanitárias quanto aos danos que podem causar à saúde, já que estão contaminados pelas radiações do desastre nuclear de Chernobyl, e que, assim procedendo, desorganizaram completamente nossa bacia leiteira e nossa indústria agropecuária, beneficiando, e muito, a economia desses países, que estavam com esses produtos encalhados.

Afirmam que houve aumento do nosso poder aquisitivo, mas esqueceram de dizer que esse aumento se deve, em grande parte, ao fato de que o povo, iludido com a inflação zerada, retirou suas economias das cadernetas de poupança, ocasionando assim uma demanda excessiva da grande maioria dos produtos, resultando no caos que atualmente vivemos. Falta tudo. Perguntam-se, então, os antigos poupadores: e agora, José?

Mais ainda vigora aquele velho ditado: pode-se enganar todos durante um certo tempo, alguns, durante o tempo todo, mas nunca todos durante o tempo todo.

Agora que a farsa acabou, partimos para mais uma jogada louca. Mais um salto no escuro. Lançar novamente o povo, tinhosamente, contra os credores internacionais, apelando para os nossos sentimentos. A dívida externa será o próximo cavalo de batalha do governo. Moratória. E assim pretende passar mais um ano de ilusão, dando chance a que governantes de outros países novamente duvidem de nossa seriedade.

Sou contrário à política nos quartéis. Não nos ensinaram esta verdadeira arte, nas escolas militares. Principalmente a arte de fazer política na América Latina, onde a democracia titubeia, vacilante, entre os regimes conservadores de direita, chamados de ditadura, e os regimes demagógicos de esquerda. Nesse ínterim, nós é que sofremos as conseqüências, pois entramos todos no mesmo saco, ficando conhecidos como gorilas, torturadores, assassinos etc. etc. etc.

Os ministros militares parecem os únicos que não percebem os caminhos tortuosos em que estamos entrando. Condenam a "síndrome da catástrofe". Insistem que não há crise. Se eles apontam problemas, afirmam que não são facilmente contornáveis e que devemos todos confiar na competência dos seus atuais líderes políticos e da "messiânica" equipe econômica.

Recordo agora os conselhos de meus pais quando, inteligentemente, naquelas fases turbulentas da adolescência, nos chamavam à razão, contando-nos a história triste de uns filhos cujos pais, excessivamente permissivos, ficaram perdidos, por falta de conselhos oportunos, nos caminhos perigosos dos vícios, amores proibidos e sem arrependimentos e, próximos do fim, condenados à morte, naquela hora fatal. Ao se despedirem dos pais, em vez de beijos, receberam dos filhos o desprezo, o escarro, a mordida raivosa. Os pais, arrependidos, choravam. O arrependimento quando chega, faz chorar...

Nosso povo, ainda inculto, é presa fácil do primeiro discurso do político profissional. Mas felizmente ainda temos uma plêiade de civis confiáveis e capazes, a maioria deles, porém, longe da política, mas que podem dar uns bons conselhos aos nossos governantes e levar esta nação a um futuro honrado para os nossos filhos. Nós, militares, não levamos muito jeito para política. Bastam os recentes anos que nos foram tão desgastantes. Fomos incriminados demais. Chega.

Alguns bons políticos perderam as últimas eleições, somente porque se mantiveram fiéis às suas bandeiras. Nunca traíram seus ideais, nem seus partidos.

Outros foram eleitos simplesmente porque defenderam um falso confisco de bois. Entraram na onda certa da demagogia eleitoreira.

Estão aí, firmes nos seus castelos de areia.

Mas, até quando?

15 JUN 1987

JORNAL DO BRASIL